

MEDO ODONTOLÓGICO ENTRE OS INGRESSANTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS/RS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2016.

BRUNA DA SILVA BARRAGANA VERA¹; MARÍLIA HELFENSTEIN KAPLAN¹;
ALINE DE BASTOS SILVA¹; VANESSA POLINA PEREIRA COSTA²; ETHIELI
RODRIGUES DA SILVEIRA²; FLÁVIO FERNANDO DEMARCO³

¹Universidade Federal de Pelotas – brunasb.v@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mariliakaplan@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ffdemarco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O medo odontológico se refere ao medo de dentista, o qual pode constituir uma barreira ao tratamento odontológico (SERRA-NEGRA et al., 2011) e consequentemente a deterioração da saúde bucal (OLIVEIRA, 2011).

Entre 15 a 20% da população em geral (CARVALHO, 2011) sofre de medo de dentista e o início deste sentimento pode acontecer na infância, na adolescência ou mesmo na idade adulta, gerando reflexos ao longo da vida, de modo que as pessoas evitem ou apresentem alterações de comportamento durante a consulta odontológica (MONTEIRO, 2013).

O meio acadêmico possibilita diversas mudanças na vida dos estudantes, como novas relações sociais e adoção de novos comportamentos. A isto, estão associadas situações próprias da adolescência, como alteração biológica e instabilidade psicossocial, tornando o universitário vulnerável a circunstâncias que colocam em risco sua saúde (RAMIS et al., 2012). A saída do ensino médio e a entrada na vida Universitária é acompanhada de diversas mudanças na vida dos indivíduos. Os universitários, normalmente se encontram em uma situação de vida independente, o que pode afetar o comportamento de saúde, incluindo os hábitos de saúde bucal (POHJOLA et al, 2014). Um estudo realizado com universitários dos cursos de medicina e odontologia na Malásia demonstrou que 27% dos estudantes de medicina cancelaram ou não compareceram a consulta odontológica por ter medo odontológico, comparado com apenas 18,7% dos estudantes de odontologia (HAKIM et al., 2014). Diversos fatores estão relacionados com o desenvolvimento do medo odontológico, sendo sexo, idade, perspectivas com tratamentos invasivos, experiências negativas prévias e a auto-percepção de saúde bucal, alguns dos exemplos. Poucos estudos epidemiológicos tem estimado a ocorrência de medo entre os adultos no mundo e no Brasil e menos ainda entre jovens universitários.

Deste modo, o objetivo deste estudo foi estimar a prevalência de medo odontológico e verificar os fatores relacionados entre os estudantes que ingressaram do ano de 2016 na Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Este é um estudo transversal descritivo de uma Coorte prospectiva com os universitários ingressantes na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) no ano de 2016. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/UFPEL sob o parecer CAAE 49449415.2.0000.5317.

Considerando o número estimado de ingressantes no primeiro semestre de 2016 (3000 alunos) e uma prevalência de 50% para as variáveis de interesse, foi obtida uma precisão na estimativa de frequências de 1,8 pontos percentuais dentro de um intervalo de confiança de 95%. Todos os ingressantes no ano de 2016 na UFPEL estão sendo convidados a participar do estudo. Serão excluídos

da amostra alunos impossibilitados de realizarem o autopreenchimento do questionário, alunos ingressantes em outro ano letivo, e alunos especiais.

A aplicação dos questionários está ocorrendo nas salas de aula após prévia autorização do colegiado e professor responsável pela disciplina. Os alunos são convidados a participar do estudo e a assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

A coleta de dados está sendo realizada por meio de dois questionários autoadministrados. O primeiro questionário contém perguntas objetivas de múltipla escolha, dividido em 4 grandes blocos: Bloco A – dados socioeconômicos, demográficos e de suporte social, Bloco B – variáveis psicossociais, Bloco C – medidas auto percebidas/subjetivas de saúde bucal, e Bloco D - variáveis comportamentais de saúde bucal. O segundo questionário é referente ao uso de álcool, tabaco e outras substâncias.

Este estudo utilizará questões sobre dados socioeconômicos e demográficos (sexo, idade, renda, curso e local de moradia) e variáveis psicossociais como a auto-percepção de saúde bucal com as opções de resposta: muito, boa, regular, ruim e muito ruim e o medo odontológico que será medido através de uma pergunta única: Dental Anxiety Scale (DAQ) - Você tem/teria medo de ir ao dentista?, proposta por NEVERLIEN (1990), com as opções de resposta: Não (1), Um pouco (2), Sim (3), Sim, muito (4). Sendo dicotomizada em sem medo (opção 1) e com medo (opções 2, 3 e 4).

A equipe de trabalho de campo é composta por alunos de graduação e pós-graduação do curso de Odontologia da UFPel. Toda a equipe foi submetida a um treinamento prévio teórico e foi realizado um estudo piloto com 100 universitários (n=100), estudantes do segundo semestre, de 5 cursos da UFPel sorteados aleatoriamente (Design Digital, Educação Física, Engenharia Hídrica, Geografia- Bacharelado, Matemática e Pedagogia). Após o piloto, o questionário foi ajustado e o tempo médio para o seu preenchimento foi de 20 minutos.

Os dados preliminares deste estudo foram duplamente digitados no Excel e a análise estatística descritiva foi realizada no programa Stata 12.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 demonstra que o medo odontológico esteve presente em 236 universitários (21,67%) de um total de 1.106 estudantes, sendo mais prevalente no sexo feminino (58,97%). As idades variaram entre 16 e 67 anos, (média=22,8; DP± 8,77) e nos universitários na faixa etária entre 16-19 anos o medo esteve mais presente (47,01%). A presença de medo odontológico na adolescência é frequentemente associada com fatores como experiência dolorosa prévia, desconhecimento dos procedimentos e vivências negativas transmitidas por outros indivíduos (SILVA, 2012). Com o passar da idade a tendência é que haja uma diminuição deste sentimento, pois os indivíduos desenvolvem mecanismos para lidar com situações que lhes causam medo, como o tratamento dentário (KANEGANE et al, 2006).

A presença de medo odontológico foi maior nos universitários com renda entre R\$ 1.001,00 a R\$ 2.500,00 (em reais). Diferente dos nossos achados, CARVALHO, et al. (2011), verificaram que as famílias com menor renda possuem mais receio ao tratamento odontológico. Ainda um estudo longitudinal realizado com indivíduos da Nova Zelândia, entre as idades de 18 e 32 anos, verificou que indivíduos situados nos estratos mais baixos em termos socioeconômicos na infância estão mais propensos a terem uma trajetória de menor número de visitas de rotina ao cirurgião-dentista na idade adulta (CROCOMBE et al., 2012). O medo

odontológico também foi maior entre aqueles universitários que moravam com os pais (42,67%) e nos que classificaram como boa a saúde bucal nas questões de auto-percepção (39,22%) (Tabela 1).

A tabela 2 demonstra a distribuição dos estudantes com medo odontológico de acordo com a área do conhecimento dos cursos de graduação. Foi constatado que a maior prevalência de medo odontológico esteve entre os estudantes da área de Linguística, letras e artes (35,06%), enquanto os menores valores de prevalência foram dos alunos da área de agrárias (11,69%). Dos estudantes da área da saúde, 18,71% apresentaram medo odontológico. Estudos tem reportado que alunos dos cursos da área médica podem apresentar níveis mais elevados de neuroticismo e maior estresse e por isso apresentar níveis elevados de medo odontológico (AL OMARI, 2009), no entanto em nosso estudo os níveis de medo observados pelos estudantes da área médica foi intermediário ao das outras áreas investigadas. Diferenças socioeconômicas, demográficas, culturais e de percepção da sua saúde entre os discentes atendendo as diferentes áreas poderia ser responsável pelas diferentes prevalências observadas.

Tabela 1. Descrição da Amostra. (n=1.106). Pelotas, Brasil, 2016.

	Total	Medo odontológico Presente	
	N	n (236)	% (21,67)
Sexo			
Masculino	547	96	41,03
Feminino	537	138	58,97
Idade (anos)			
16-19	569	110	47,01
20-24	286	60	25,64
25-59	228	63	26,92
60 ou mais	3	1	0,43
Renda			
Até R\$ 500,00	11	4	1,70
R\$ 501,00- R\$ 1.000,00	125	34	14,47
R\$ 1.001,00- R\$ 2.500,00	321	76	32,34
R\$ 2.501,00- R\$ 5.000,00	246	49	20,85
R\$ 5.001,00- R\$ 10.000,00	121	30	12,77
Mais de R\$ 10.001,00	72	12	5,11
Não sei	186	30	12,77
Local de moradia			
Pais	463	99	42,67
Cônjuge/Companheiro	145	36	15,52
Amigo	176	34	14,66
Sozinho	162	33	14,22
Outros	132	30	12,93
Autopercepção de saúde bucal			
Muito boa	228	34	14,66
Boa	524	91	39,22
Regular	280	88	37,93
Ruim	38	16	6,90
Muito ruim	10	3	1,29

Tabela 2. Distribuição dos estudantes de acordo com a presença de medo odontológico entre os cursos divididos em áreas do conhecimento. Pelotas, Brasil, 2016.

Cursos divididos por áreas do conhecimento	Total	Medo odontológico presente	
	n	n	%
Exatas e da terra	53	9	16,98
Engenharias	193	31	16,06
Saúde	139	26	18,71
Agrárias	77	9	11,69
Sociais aplicadas	216	54	25,00
Humanas	188	43	22,87
Linguísticas, letras e artes	154	54	35,06
Outras/multidisciplinar	69	10	14,49

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que o medo odontológico é um sentimento presente entre os universitários, especialmente os que frequentam cursos da área de Linguística, letras e artes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL OMARI, M.W.; AL OMIRI, K.M. Dental anxiety among university students and its correlation with their field of study. **Journal of Applied Oral Science**, Bauru, v. 17, n.3, p. 199-203, 2009.
- CARVALHO, R.W.F. et al. Ansiedade frente ao tratamento odontológico: prevalência e fatores preditores em brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v.17, n.7, p. 1915-1922, 2011.
- CROCOMBE, L.A. et al. Impact of dental visiting trajectory patterns on clinical oral health and oral health-related quality of life. **Journal of Public Health Dentistry**, v. 72, p. 36-44, 2012.
- HAKIM, H.; RAZAK, I.A. Dental Fear among Medical and Dental Undergraduates. **The Scientific World Journal**, Cairo, v.2014, n.2014, p.1-5, 2014.
- KANEGANE, K. Ansiedade ao Tratamento Odontológico no Atendimento de Rotina. **Revista Gaúcha de Odontologia**, Porto Alegre, v. 54, n.2, p. 111-114, 2006.
- MONTEIRO, A. Relação do medo, dor, ansiedade e condições de saúde bucal com o acesso aos serviços de saúde bucal e qualidade de vida de adolescentes. 2013. 177f. Tese (Doutorado em Ciências). Faculdade de Odontologia de Bauru, São Paulo.
- NEVERLIEN, P.O. Assessment of a single item dental anxiety question. **Acta Odontol Scandinava**, Noruega, v. 48, p.365-369, 1990.
- OLIVEIRA, M.A. et al. Association between Childhood Dental Experiences and Dental Fear among Dental, Psychology and Mathematics Undergraduates in Brazil. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v.9, n.10, p.676-687, 2012
- POHJOLA, V. et al. Dental fear, tobacco use and alcohol use among university students in Finland: a national survey. **Biomedical Oral Health**, Londres, v. 14, n.86, p.14-86, 2014.
- RAMIS, T.R. et al. Smoking and alcohol consumption among university students: prevalence and associated factors. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n.2, p.376-385, 2012
- SERRA-NEGRA, J. et al. Self-Reported Dental Fear among Dental Students and Their Patients. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v.9, n.10, p.44-54, 2012.
- SILVA, M.C.A. **Medo e ansiedade dentária: Uma realidade**. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado em Medicina Dentária) - Curso de Pós Graduação em Mestrado Integrado em Medicina Dentária, Universidade Fernando Pessoa.